

República DAS LETRAS

PELO DR. ALFREDO GUISADO

O ANJO ANCORADO»

José Cardoso Pires

romances como nos contos, figuras que, para eles, os respectivos autores architectam, dependo do modo como as penas as ornaram. Ora se mostram nítidos traços da sua maneira de ser e da importância no decorrer dos fatos em que se vêem envolver. Ora se tornam sequência duma trama que os rodeia e que o leitor consegue desvanecer por mais certo que acompanhe o decorrer do trecho de que eles fazem parte.

José Cardoso Pires não é um nome desconhecido nos caminhos das Letras portuguesas. Já disse quanto vale em outros interessantes volumes de contos publicados há tempos. A sua arte sabe abrir fundos sulcos nos fatos que procura para as suas obras. Marca com rapidez o ambiente em que vivem os personagens do conto. Trabalha bem esta modalidade literária e quase de um modo se trata o que se lê no livro de deu o nome de «O Anjo ancorado», sobre o qual traço este sim- ples comentário. Consegue dar a impressão exacta do que sentem, do que pretendem, do que são, enfim, as figuras dos episódios que vai narrar, quando os coloca diante dos leitores. Ora neste seu último livro há um personagem que toma o principal lugar e que Cardoso Pires teve o cuidado de pintar, com escolhidas tintas, para que se visse a ideia de quem é. Para apontar não só o seu aspecto físico como também o que se passa no seu mundo interior, a fim de que o leitor possa bem conhecer o corpo e aquela alma.

Dirão-me à rapariga que ocupa o primeiro plano, a Guida, que não é a protagonista da novela é, claro, a que vinca mais demonstrativamente a sua passagem na cena que representa. E digo que não é a protagonista porque para que, efectivamente, haja protagonista em determinada obra, indispensável se torna que exista um enredo, o que acontece aqui. Ela foi, talvez isso do seu passado, como se prepara para o ser no seu futuro, mas não se segue no que o autor agora conta. Trata-se somente dum personagem que lembra uma ponte entre o que se adivinha que ela foi e o que se calcula que possa vir a ser.

Figura nítida, perfeita, sabendo o que quer e procurando alcançar o que deseja. Aquela figura desenha uma pena qualquer. Naturalmente, preciso que se seja protagonista e que se não desvie da verdade. Não basta desenhar personagens. É imprescindível dar-lhes vida, movimento e sobretudo, saber os apresentar vivos, para que não desloquem do que se enuncia a vida. José Cardoso Pires conseguiu-o. Todas as condições necessárias para a citada Guida não isolam e tal acontecimento seria quase impossível conhecer porque pararia em frente dela e não se daria, assim, a co-

nhecer. Há um outro personagem no livro, um simples comparsa, mas que não quero deixar de apontar também: — o homem que persegue o perdigoto. O autor insiste e, de certo modo, não afastaria a atenção do leitor da figura principal, entretém-o no sentido de evitar a monotonia. José Cardoso Pires vai seguindo dentro da nossa literatura, o seu caminho, com a certeza de que sabe o que quer e o que faz.

Boa apresentação gráfica da Editora Ulisseia.